



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

DANIELA LIMA BARRETO ROCHA

**REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA OBRA  
DE MANOEL DE BARROS**

Brasília/DF

Julho de 2015

DANIELA LIMA BARRETO ROCHA

**REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA OBRA  
DE MANOEL DE BARROS**

Monografia apresentada ao Curso de  
Letras da Universidade de Brasília –  
UnB , como requisito parcial ao Título  
de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Profa. Dra. Fabricia Wallace

Brasília/DF

Julho de 2015

## REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Daniela Lima Barreto Rocha

*“Tudo que não invento é falso”*

A obra *Memórias Inventadas*, do poeta Manoel de Barros, é dividida em três partes, que descrevem as três infâncias do autor, que contam toda sua vida, pois Barros afirma que só viveu de infância. Carregada de lembranças enriquecidas pela imaginação, as poesias são de fato a releitura de suas vivências. Percebemos isso a partir de uma análise biográfica da obra.

Barros inicia seu livro com a seguinte afirmação: *“Tudo que não invento é falso”*. Podemos daí pensar que tudo que não faz parte da nossa imaginação, da nossa capacidade de reconstruir os momentos, de nos reconhecer dentro de cada situação é falso. Não existe lembrança verdadeira se você não se reconhece dentro dela, então não basta conhecer, mas sim se reconhecer. Como podemos ler em Bergson, o indivíduo se relaciona com seu passado a partir do reconhecimento e da percepção do passado no presente.

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela. (BERGSON, 1990, p.55).

Partindo desse ponto, percebemos a capacidade que o homem tem de inventar a partir de suas memórias reais. Pois se é por meio da percepção que temos a capacidade de retomar fatos passados, temos também a capacidade de intervir nesses fatos. Pois para perceber o passado em nós precisamos de algum modo reexaminá-lo cada vez que o

retomamos. Dessa forma, mesmo sem ter a intenção, nós reinventamos o passado, para conseguirmos nos reconhecer nele.

Desde o título da obra, observamos essa intenção de Barros, de contar suas memórias inventadas. Mas podemos nos perguntar se é possível inventar a partir de uma lembrança, se realmente é possível por meio da invenção se reconhecer dentro de sua memória. Para isso, precisamos entender como é construída nossa memória. Podemos resumi-la como o conjunto das lembranças, resgate das experiências individuais, que guardamos durante a vida, não como um filme mostrando todas as lembranças exatamente como aconteceram, que é o que a maioria acredita, mas sim lembranças carregadas com nossos traços, nossas impressões pessoais, de como vivemos e como nos sentimos diante de cada experiência. Para Santo Agostinho a memória e a forma como a retomamos é praticamente um milagre:

Todas essas realidades não são introduzidas na memória, mas apenas são captadas as suas imagens com maravilhosa rapidez, e depositadas, por assim dizer, em casulos maravilhosos, de onde são extraídas pelo milagre da lembrança. (Agostinho 1984, p.185).

De fato extraímos fatos passados de maneira tão eficaz, a ponto que o que tudo o que sabemos é resultado da memória, desde nossa história pessoal até a execução de tarefas simples do dia-a-dia, sem a memória precisaríamos reaprender tudo todos os dias. Por isso a memória é tão importante em várias áreas do conhecimento, e não apenas na literatura, pois ela influencia em todos os atos que praticamos, então é evidente que também influencia na literatura.

Falamos sobre a capacidade que possuímos de intervir nos fatos que lembramos, mas é importante entender também porque a memória pode ser coletiva e pessoal, pois um mesmo fato pode ter ocorrido com várias pessoas ao mesmo tempo, nesse ponto essa memória é de todos, porém existe uma pessoalidade em como cada um gravará aquilo em sua memória, e isso a faz pessoal.

Apesar dessa distinção entre pessoal e coletivo podemos observar pelo estudo da obra de Maurice Halbwachs a relações do indivíduo com o meio, e assim a influência do coletivo no individual. O ponto de partida é a afirmação de Halbwachs: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. (Halbwachs 1990:51).

Halbwachs distingue duas formas essenciais de memória. Porém, ainda é a relação delas com o indivíduo, com sua trajetória e suas experiências particulares, que as constituem:

[...]A primeira (memória autobiográfica) se apoiaria na segunda (memória histórica), pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS 1990, p.55).

Uma lembrança nem sempre chega ao indivíduo de forma pura, pois é marcada também por outras lembranças. O indivíduo seleciona e define o que quer lembrar e o faz diversas vezes, sempre que deseja. Segundo essa linha, confirmamos que a memória é reinventada a cada vez que o indivíduo a retoma, e que a memória coletiva também exerce uma função importante nessa releitura de lembranças.

No entanto o que vai definir realmente essa releitura é a individualidade de cada um que retoma essa memória. Como cita Santo Agostinho: “A memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões, nesse sentido esse passado é meu passado”. (AGOSTINHO Apud RICOEUR, 2003, p.107).

A partir dessa explicação sobre a memória entendemos porque uma memória pode ser inventada, não no sentido de ser falsa ou apenas imaginária, mas no sentido de poder ser modificada por quem a carrega. O homem possui o poder de atualizar impressões ou informações passadas, conforme afirma Jacques Le Goff. Segundo o autor, o estudo da memória engloba a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia, e todas essas teorias conduzem de algum modo à uma idéia de atualização de vestígios.

O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios e os processos de releitura podem fazer intervir centros nervosos muito complexos e uma grande parte do córtex, mas existe um certo número de centros cerebrais especializados na fixação do percurso mnésico. (CHANGEUX Apud LE GOFF 2013, P.424)

Ou seja, ao mesmo tempo em que nosso cérebro fixa nossas lembranças, ele nos permite intervir, nos permite mexer, nos permite inventar e reinventar nossas memórias.

Isso notifica a ideia de que as memórias de Manoel de Barros são reais e ao mesmo tempo inventadas.

Nos poucos dados que encontramos da vida de Barros identificamos muitas semelhanças com sua obra, mas toda essa história nos foi dada como presente, pois trouxe não apenas os fatos, mas em sua essência a poesia do menino Manoel que só viveu de infância, trouxe seu olhar detalhista dado a cada pedra, a cada “desobjeto”. Trouxe, principalmente, a mágica de transformar lembranças em poesia, em encantamento.

Se olharmos mais profundamente para algumas poesias de Manoel, vemos claramente fatos de sua vida sendo narrados, na verdade sendo relidos, reinventados. Vamos analisar algumas poesias e observar essa releitura da memória, mas não é possível fazer uma leitura de análise sem antes se deliciar nesse encanto que Manoel nos faz sentir pelo mundo.

### **O apanhador de desperdícios**

“Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato  
de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.”  
(BARROS, 2008, p. 47)

Barros mostra em suas poesias um menino inocente, que cresce longe das grandes cidades e da ambição humana. Aprende a valorizar desde novo os menores prazeres da vida, como admirar insetos ou pedras.

Quando olhamos para o homem poeta Manoel de Barros, enxergamos exatamente esse menino. Em um dos únicos relatos da vida de Barros, o documentário “*Só dez por cento é mentira*”, vemos alguém sem ambições materiais, sem soberba, alguém que em um mundo em que as pessoas aspiram riquezas deseja apenas poesia, poesia a toda hora. Manoel vê poesia nas coisas ao seu redor e foi esse dom que o capacitou a fazer uma releitura de suas infâncias que carrega sua própria essência.

Nesse poema encontramos a valorização do pequeno, do natural, do que ninguém enxerga. Podemos fazer uma ponte entre ele e um que Manoel intitulou como “Sobre Importâncias”, em que ele diz que a importância das coisas está no encantamento que elas são capazes de provocar em alguém. Sendo assim, importância é algo relativo, o que para um pode ser nada para outro pode ser tudo. (Colocar uma parte do poema).

Em outro poema que segue essa mesma linha Manoel diz:

"Nunca vi nenhuma coisa na cidade mais bonita do que um passarinho, vi que tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata." (Sobre Sucatas)

Nesse poema, Barros exalta aquilo que é criado pela natureza, mostrando que mesmo as coisas de grande valor financeiro, de grande importância para a modernidade, estão sujeitas a serem destruídas e com certeza serão algum dia, se tornando apenas sucata, enquanto aquilo que a natureza nos proporciona é muito mais durável, no sentido de se renovar sempre, de renascer e de embelezar o mundo.

Com esses poemas conhecemos um pouco sobre Manoel, pois como ele mesmo diz em seu documentário: “*Invenção é uma coisa que serve para aumentar o mundo*”. Então a invenção não tira a essência, ela aumenta, amplia o mundo e a forma como o vemos.

## Parrrede

“Quando eu estudava no colégio, interno,  
Eu fazia pecado solitário.  
Um padre me pegou fazendo.  
– Corumbá, no parrrede!  
Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e  
decorar 50 linhas de um livro.  
O padre me deu pra decorar o Sermão da Sexagésima  
de Vieira.  
– Decorrar 50 linhas, o padre repetiu.  
O que eu lera por antes naquele colégio eram romances  
de aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.  
Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei  
embevecido.  
E li o Sermão inteiro.  
Meu Deus, agora eu precisava fazer mais pecado solitário!  
E fiz de montão.  
– Corumbá, no parrrede!  
Era a glória.  
Eu ia fascinado pra parede.  
Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.  
Decorei e li o livro alcandorado.  
Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.  
Gostar quase até do cheiro das letras.  
Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.  
Ficar no parrrede era uma glória.  
Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.  
A esse tempo também eu aprendi a escutar o silêncio  
das paredes.” (BARROS, 2008, p. 27)

Nesse poema vemos retratada uma fase real da vida de Manoel, que é o período em que ele estuda no colégio interno. Manoel cita no documentário que essa fase foi algo que realmente ocorreu em sua vida, e que sua interação com a literatura de Vieira por intermédio do padre do colégio realmente ocorreu. Porém, Manoel troca o nome do padre no poema.

Além de retratar esse lado real de sua vida, o poema ainda retrata um caso de amor entre Manoel e a literatura, um caso de paixão tão ardente a ponto de ser comparado com o desejo sexual, o prazer carnal. O contato com a leitura traz tanto prazer que a única forma de descrevê-lo é comparando-o com um prazer comum a todos os homens.



Manoel ainda faz um jogo com a fonética escrevendo as palavras como seu professor padre, provavelmente francês o falava: "parrrede, decorrrar".

Assim vemos uma ênfase voltada para memória, o som da voz daquele padre amigo, de quem Manoel se recordava claramente. E que papel importante teve aquele padre ao apresentar para um grande poeta a boa literatura.

### **Lacraia**

Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrilha,  
ele sozinho não se recompõe. A cabeça do trem ou seja  
a máquina, sendo de ferro não age. Ela fica no lugar.  
Porque a máquina é uma geringonça fabricada pelo  
homem. E não tem ser. Não tem destinação de Deus. Ela  
não tem alma. É máquina. Mas isso não acontece com a  
lacraia. Eu tive na infância uma experiência que  
comprova o que falo. Em criança a lacraia sempre me  
pareceu um trem. A lacraia parece que puxava vagões.  
E todos os vagões da lacraia se mexiam como vagões  
de trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões  
de trem. Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar  
a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem.  
Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no  
terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina.  
E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é  
a natureza! Eu não estava preparado para assistir  
àquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram  
a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem.  
A gente, nós, os meninos, não estávamos preparados  
para assistir àquela coisa estranha. Pois a lacraia  
estava se recompondo. Um gomo da lacraia procurava o  
seu parceiro parece que pelo cheiro. A gente como que  
reconhecia a força de Deus. A cabeça da lacraia estava  
na frente e esperava os outro vagões se emendarem.  
Depois, bem mais tarde eu escrevi este verso: Com  
pedaços de mim eu monto um ser atônito. Agora me indago  
se esse verso não veio da peraltagem do menino. Agora  
quem está atônito sou eu. (BARROS, 2008, p. 81)

Olhar para o passado é olhar a si mesmo como outra pessoa, é analisar alguém que hoje não existe mais, pois o ser humano está em constante mudança. É exatamente isso que percebemos quando lemos esse poema de Barros, ele olha para si mesmo como uma terceira pessoa, como se ele olhasse para si mesmo em um reflexo de espelho. Ele se trata

como *aquele menino*. A memória é fundamentalmente o lugar de busca de si mesmo, de quem se é no presente. Em seu livro *Confissões*, Santo Agostinho diz:

A memória é também o lugar de encontro de si mesmo.  
Tudo isto realizo interiormente, no imenso palácio de minha memória.  
Ali eu tenho às minhas ordens o céu, a terra, o mar, com todas as sensações que neles pude perceber, com exceção das de que já me esqueci. Ali me encontro comigo mesmo, e me recorro de mim e de minhas ações, de seu tempo e lugar do estado de espírito em que estava, e dos sentimentos que me dominavam quando as praticava. (Agostinho 1984, p.184).

Desse modo podemos compreender o final do poema, em que Barros cita *aquele menino* e, logo em seguida o *eu*. Mesmo se tratando da mesma pessoa ele as trata diferentemente, pois o menino viveu no passado, enquanto o eu vivia no presente. A “peraltagem” do menino poderia ser responsável pelo verso escrito pelo eu. Assim confirmamos no poema a busca pelo eu atual no passado.

Manoel ainda trata a memória como coletiva, vivida por “*A gente, nós, os meninos*”. Vemos aí a questão da coletividade influenciando na releitura dessa lembrança, pois Barros trata o sentimento que está sendo lembrado como vivido por todos. Porém no momento de falar da influência daquele menino no homem atual, ele traz a individualidade da lembrança. Assim confirmamos o raciocínio inicial sobre coletividade e individualidade da memória.

### **Invenção**

Inventei um menino levado da breca para me ser.  
Ele tinha um gosto elevado para o chão.  
Do seu olhar vazava uma nobreza de árvore.  
Tinha desapatite para obedecer a arrumação das coisas.  
Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.  
Morava em maneira de pedra na aba de um morro.  
O amanhecer fazia glória em seu estar.  
Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as tardes.  
Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não soubesse nem as letras que uma palavra tem.  
Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!  
Era beato de sapos.  
Falava coisinhas seráficas para os sapos como se

namorasse com eles.  
De manhã pegava o regador que ia regar os peixes.  
Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.  
Havia um dom de traste atravessado nele.  
Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.  
As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam  
sobre ele suas brancas bostas.  
Ele não estava em aí para os estercos brancos.  
Porém o menino levado de breca ao fim me falou  
que ele não fora inventado por esse cara poeta  
Porque fui eu que inventei ele.  
(BARROS, 2008, p. 151)

Nesse poema vemos caracterizado um menino, que a *priori* é tratado como uma invenção do poeta, no entanto o texto é finalizado com a afirmação “ Porque fui eu que inventei ele”. Esse eu se refere à pessoa de Manoel de Barros, não o poeta. Pois o menino não fora criado para poesia, mas o menino fora inventado para a vida. Ou seja, o menino é o próprio Manoel. Podemos notar nesse poema a confirmação de tudo o que falamos até agora.

Se Manoel diz que inventou aquele menino então ele atualizou as lembranças que possuía dele mesmo. Como lemos em Le Goff:

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.( LE GOFF 2013, P.423)

Com essa citação observamos mais uma vez que o homem possui capacidade de mexer em seu passado, então mesmo que a obra de Barros não seja exatamente a descrição de seu passado, ela é uma releitura dele, ou seja, uma atualização de suas infâncias por meio da qual ele se reconheceu enquanto escrevia.

Ainda no texto de Le Goff vemos a importância da memória na identidade do homem, na busca pelo seu lugar no mundo:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. ( LE GOFF 2013, P.476)

Sendo assim usamos a memória para nos encontrar na sociedade, para nos conhecer e nos reconhecer dentro de nossa história, como já foi citado.

A literatura biográfica permite ao homem reexaminar, reordenar, retificar, atualizar o seu passado, os fatos que o fazem ser quem é hoje, o dão poder de introduzir poesia à vida. Por isso é tão importante a interação entre memória e literatura.

A ação da memória na narrativa ou a transformação da memória, individual ou coletiva, em narrativa é algo complexo, que apesar de estar sendo bastante estudado contemporaneamente ainda merece muita atenção, por se tratar de um tema importante no desenvolvimento contínuo do estudo da literatura e da formação do indivíduo e da sociedade, precisamos olhar para a memória como um aspecto essencial no processo de criação da ficção, do literário, e a partir desse olhar cuidadoso poderemos entender melhor os diversos aspectos da literatura.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros** – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BERGSON, Henri. 1990. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes.

COSTA, José Carlos. ALVES, Lourdes. Representações da memória na literatura e na cultura. **Investigações**, Bahia, V. 23, n. 1, p. 187 – 210, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.23.N1/Investigacoes23N1\\_Jose-Costa\\_Lourdes-Alves.pdf](http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.23.N1/Investigacoes23N1_Jose-Costa_Lourdes-Alves.pdf)>

HALBWACHS, Maurice. 1990. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice.

LE GOFF, Jaques. “Memória” in **História e Memória** - 7ª Edição revista – Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2013.

RICOEUR, Paul. “Memória Pessoal, Memória Coletiva” in **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTO AGOSTINHO. S/d. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro (Coleção Universidade de Bolso, v. 31993).

